

# A EXPANSÃO SOJÍCOLA EM TERRITÓRIOS DE PRODUTORES TRADICIONAIS NA MICRORREGIÃO DE CHAPADINHA – MARANHÃO

*Adielson Correia Botelho*

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará- UFC. E-mail:  
adielsonbotelho@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo compreender a dinâmica do agronegócio sojícola na microrregião de Chapadinha, bem como pensar as transformações socioculturais que ocorrem nos tradicionais territórios camponeses. Para a elaboração do trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, teses, dissertações, trabalhos acadêmicos e sites especializados. Quanto aos aspectos concretos da área de estudo, foram realizados trabalhos de campo, a fim de analisar, juntos aos camponeses, as transformações causadas pela expansão da soja, bem como suas implicações sobre os territórios tradicionais, sua história e seus aspectos culturais, socioeconômicos e políticos. Consideramos também os modos de vida e as suas variações a partir das distintas características do Cerrado maranhense, das comunidades tradicionais e suas produções específicas. No campo nos aproximamos das comunidades rurais, das suas formas e conteúdos socioculturais e também analisamos as territorialidades e seus desdobramentos na (re) organização dos lugares.

**Palavras-chave:** Agronegócio sojícola; Territorialidades; Campesinato; Microrregião de Chapadinha-MA.

## SOJÍCOLA EXPANSION IN TRADITIONAL TERRITORY OF PRODUCERS IN MICROREGION OF CHAPADINHA – MARANHÃO

**ABSTRACT:** The present work aims to understand the dynamics of agribusiness sojícola Chapadinha in micro-and think about the socio-cultural transformations that occur in traditional territories peasants. For the preparation of this study was a literature review of books, theses, dissertations, academic papers and specialized sites. Regarding specific aspects of the study area were conducted field work in order to analyze, together with the peasants, the changes caused by the expansion of soy and its implications on the traditional territories, its history and its cultural, socioeconomic and politicians. We also consider ways of life and their variations through the different characteristics of the Cerrado in Maranhão, traditional communities and their specific products. As we approach the field of rural communities, their socio-cultural forms and contents as well as analyze the territorialities and its consequences in the (re) organization of places.

**Keywords:** Agribusiness sojícola; Territories; Peasantry; Chapadinha of microregion - MA.

## 1. Introdução

A soja (*Glycinemax (L.) Merrill*) tem origens do continente asiático, mais especificamente, é uma leguminosa herbácea anual que possui alto teor protéico em seus grãos. É plantada em ciclo, geralmente (90 a 160 dias), possui porte ereto, crescimento determinado ou indeterminado e alta variedade, pode chegar a 120 centímetros dependendo do modo de cultivar e da época de semeadura. (MIRANDA *et al.*, 1998). Teve sua produção em grande escala iniciada nos Estados Unidos no início do século XX, associada à mecanização e ao uso de corretivos de solo, dando forma à exploração agrícola em bases empresariais, modelo este que depois foi exportado para o mundo na chamada modernização da agricultura.

Esta expansão vem ocorrendo principalmente em uma área quase contínua da América do Sul, abrangendo os países do Mercosul – Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai - e a Bolívia. Em todos eles cresce igualmente a presença de grandes empresas multinacionais nos segmentos de comercialização e industrialização, que se estende também às áreas de produção de sementes e financiamento da produção do grão. No caso brasileiro, quatro grandes multinacionais movimentam a maior parte da produção: Bunge, Cargill, ADM e Dreyfus. (SCHLESINGER, 2006).

A soja começou a ser plantada no território brasileiro, de acordo com Schlesinger (2006) no Rio Grande do Sul, no início do século XX. Até 1950, era utilizada por pequenos criadores, como fonte de proteínas na alimentação de suínos e como adubo. A história da produção de soja em escala comercial está relacionada com a introdução da chamada “Revolução Verde”, traduzida em ampla mecanização e utilização de agroquímicos, com forte apoio do governo, sob a forma de créditos subsidiados (Brum, 2005). Com isso, a produção brasileira, que representava 0,5% do total mundial em 1954, passou a 16% deste total, já em 1976. Conforme apontamento de Gaspar (2010) a partir da década de 1970 assistiu-se a um grande avanço da soja sobre o território brasileiro, esta expansão teve o Estado como agente principal em seu processo de efetivação. Seja através da incorporação de infraestrutura na construção de portos, rodovias, ferrovias ou por meio de subsídios financeiros e pesquisa técnica.

A expansão do cultivo da soja no cerrado maranhense se deu mais especificamente na região de Balsas, sul do estado, se dá a partir da década de 1970. Após a mesma ter percorrido

estados do Sul, Sudeste e região central do País por agricultores provenientes do sul do Brasil conhecidos genericamente por *Gaúchos*<sup>1</sup>.

O crescimento do agronegócio de exportação, como enfatiza Schlesinger (2006) vem provocando uma série de impactos negativos sobre a qualidade de vida da população. Não podemos ignorar, de saída, que a monocultura de exportação, ao longo da história do Brasil, sempre caminhou de mãos dadas com padrões inaceitáveis de distribuição da riqueza, da renda e da terra. Por outro lado, a mecanização e a concentração dos negócios em número cada vez mais reduzido de grandes empresas dedicadas à comercialização e industrialização de alimentos invadem espaços antes ocupados por culturas diversificadas – a autêntica agricultura familiar, reduzindo o emprego no campo, a capacidade de produção de alimentos tradicionais e comprometendo, assim, a segurança alimentar da população.

A modernização da agricultura teve como justificativa a produção de alimentos para “acabar” com a fome que assolava grandes parcelas de populações pobres do Planeta e, no Brasil, o Cerrado se transformaria no “celeiro” do mundo. Mas, o cerrado está sendo exportado na forma de *commodities* e a fome das populações pobres só não é pior graças aos programas assistencialistas dos governos. Junta com a exportação de soja e carnes exporta-se também a natureza (solos, árvores, água, biodiversidade) e se compromete culturas e saberes secular. (MESQUITA, p.23, 2009).

Os últimos séculos marcam, para a atividade agrícola, com a humanização e a mecanização do espaço geográfico, uma considerável mudança de qualidade, chegando-se recentemente, à constituição de um meio geográfico a que podemos chamar de técnico-científico-informacional, característico não apenas da vida urbana, mas também do mundo rural, tanto nos países avançados como nas regiões mais desenvolvidas dos países pobres. É desse modo que se instala uma agricultura propriamente científica, responsável por mudanças profundas quanto à produção agrícola e quanto à vida de relações. (SANTOS, 2006, p. 88).

Tendo com ponto de partida pesquisas anteriores, este estudo tem o objetivo de analisar as implicações causadas pela chegada avanço da produção sojícola sobre territórios de

---

<sup>1</sup> Denominação dada ao migrante do Centro-Sul do país (sulista), pelos maranhenses do Sul e Leste do estado (MA). Para melhor entendimento ler o terceiro capítulo, “Os Gaúchos” (p. 71-102), da dissertação de mestrado de Rafael Bezerra Gaspar, intitulada “O eldorado dos *gaúchos*”.

populações tradicionais da agricultura familiar na microrregião de Chapadinha no estado do Maranhão.

## 2. Caracterização geográfica da área de estudo

A microrregião de Chapadinha está localizada na porção oriental do estado do Maranhão, inserida na mesorregião Leste Maranhense (conforme ilustração 01). Limita-se com as microrregiões do Baixo Parnaíba Maranhense, Baixo Parnaíba Piauiense (PI), Codó, Coelho Neto, Itapecuru Mirim, Lençóis Maranhenses, Rosário. A Microrregião de Chapadinha é formada pelo município de Chapadinha, Brejo, Buriti, Magalhães de Almeida, Belágua, Urbano Santos, São Benedito do Rio Preto, Mata Roma e Anapurus. Sua área é de 10.030,543 km<sup>2</sup>, sua população, de acordo com o IBGE (2010) é de 219. 678 pessoas.

**Ilustração 01: Mapa de localização dos municípios que abrangem a Microrregião de Chapadinha**



**Fonte:** Acervo da pesquisa, mapa elaborado a partir de base cartográfica do IBGE 2016.

Em síntese, a história de povoamento da atual microrregião dá conta de que a interpretação corrente sobre o povoamento pretérito da atual microrregião de Chapadinha indica a formação de áreas periféricas às grandes plantações de algodão da região vizinha do Itapecuru, na segunda metade do século XVIII (PAULA ANDRADE, 1995). Entretanto, o levantamento de certas fontes indicou a constituição dos primeiros núcleos de povoamento e de atividades econômicas autônomas na região, opostos à idéia de ocupação periférica da região do Itapecuru (MARQUES, 1970 apud GASPARG, 2010).

Se tratando dos aspectos físicos, a microrregião apresenta solos arenosos, acentuadamente drenados, de fertilidade natural baixa e com baixa capacidade de retenção de umidade, associados a solos bem desenvolvidos, profundos, ácidos e bastante porosos (areias quatzosas + latossolos). Ocorrem ainda, solos medianamente profundos, quase susceptíveis a erosão (GEPLAN, 2002).

O clima da região de acordo com a classificação de Thornthwaite (1948) caracteriza-se como subúmido, com totais pluviométricos anuais, que variam de 1.600 a 2.000 mm, porém as chuvas são mal distribuídas ao longo do ano e muito irregulares. Para a distribuição das chuvas não é homogênea ao longo de sua extensão, observando-se duas estações bem distintas: uma chuvosa no primeiro semestre e outra seca no segundo semestre do ano. Ainda conforme classificação de Pinheiro et al., (2005) a cobertura vegetal caracteriza-se pelo contato de diversas fitofisionomias, destacando-se: a floresta estacional semidecídua e a vegetação de cerrado.

### **3. Breves considerações sobre a produção sojícola no Brasil**

A soja chegou ao Brasil no final do século XIX, para ser estudada como planta forrageira. Em 1882, foi trazida dos Estados Unidos para a realização de pesquisas na Escola de Agronomia da Bahia. Em 1891, foram realizados experimentos com cultivares no Instituto Agrônomo de Campinas, em São Paulo. Os primeiros registros do plantio no País são de 1900 e 1901, quando foram realizadas as primeiras distribuições de sementes em São Paulo e os primeiros cultivos no Rio Grande do Sul. Porém, só a partir da década de 1950 a cultura ganhou maior escala, em virtude da implantação do programa oficial para apoiar a produção do trigo, que também

beneficiava a cultura da soja. Nessa fase, ela também se expandiu no estado do Paraná (EMBRAPA, 2002).

De acordo com Carneiro (2008) os anos 1970 foram marcados por um grande avanço da soja sobre o território brasileiro. Esta expansão se deu ainda, predominantemente, na região Sul, onde substituiu outros cultivos alimentares, destacando-se a redução das áreas plantadas com feijão, mandioca e milho.

O Brasil foi, em 2003 e 2004, o maior exportador mundial de soja e vem mantendo a posição de segundo maior produtor, após os Estados Unidos. A previsão é de que esta condição de maior exportador mundial volte a ocorrer em breve, consolidando-se ao longo dos próximos anos. Os três principais produtos do chamado complexo soja – grão, farelo e óleo - representaram, em 2005, oito por cento das exportações do país, ou cerca de 9,5 bilhões de dólares. Corresponderam, também, a cerca de um terço de toda a soja comercializada no mercado internacional (SCHLESINGER, 2006). Atualmente, ainda sobre os apontamentos de Schlesinger (2006) o estímulo à expansão da cultura de exportação da soja é motivado pelo desejo do governo brasileiro de ampliar os saldos comerciais, tratando como secundárias as necessidades do mercado interno.

#### **4. A chegada e a expansão da soja no Maranhão**

A Soja no maranhão só ganha relevância em meados da década de 1990. Anteriormente, a dinâmica era dada pelo o arroz e a mandioca. Em função dos incentivos governamentais e da conjuntura favorável no mercado externo a soja se destaca. (ARRAIS NETO; SANTOS, 2009). Essa expansão direcionada para o mercado externo não é novidade na economia maranhense, visto que a "submissão" econômica do Maranhão ao setor agro-exportador se faz presente desde o período colonial, sendo atualmente diferente apenas nas relações de trabalho e a *commodity* agrícola exportada. A soja começou a ser exportada no Maranhão a partir de 1992, neste ano a sua participação no total de exportações do estado ainda era ínfima. Em 1993 a soja já começa a dar passos largos nas exportações maranhenses. No ano de 1995 o Estado exportou 139.000 toneladas de soja, perfazendo 30,3 milhões de dólares, representando 4,5 % do valor das exportações maranhenses. Nos seguintes, a tendência de alto crescimento se manteve,

em dez anos, entre 1996 e 2006, de acordo com dados do IBGE, a área plantada cresceu mais de 600% como podemos observar na (tabela 01).

**Tabela 01: Evolução da soja no Maranhão (1996 a 2006).**

<b>Ano</b>	<b>Área plantada (ha)</b>	<b>Produção (ton)</b>	<b>Produtividade (t/ha)</b>
1996	63.652	137.283	2,157
1997	109.769	221.535	2,018
1998	146.389	290.438	1,984
1999	166.916	409.012	2,450
2000	178.716	454.781	2,545
2001	213.436	491.083	2,301
2002	238.173	561.718	2,358
2003	275.252	660.078	2,398
2004	340.403	903.998	2,656
2005	372.074	996.909	2,679
2006	383.284	931.142	2,429

**Fonte:** Produção Agrícola Municipal (IBGE).

Conforme Arrais Neto e Santos (2009) o Maranhão só precisou de dez anos para chegar ao patamar de 150 milhões de dólares o que se traduz em 15% do valor das exportações do estado, ficando abaixo apenas do Minério de ferro (VALE) e alumínio (ALUMAR). Esse crescimento significativo da soja só foi possível em função da infraestrutura intermodal de transporte (Estrada/ferrovia e porto).

No que tange a produção sojicultora, Carneiro (2008) aponta que no estado a taxa de crescimento foi de 18 % a.a, um crescimento muito significativo indicando uma dinâmica de expansão da área plantada de soja, com a incorporação de novas áreas ao processo produtivo. Durante a segunda metade da década de 1990 os principais municípios em termos de produção no Estado eram: Tasso Fragoso, Riachão e Balsas. No início do século XXI outros municípios ganharam evidencia na produção da soja além dos já citados, tais como: Alto Parnaíba, São Raimundo das Mangabeiras, Sambaíba, Fortaleza dos Nogueiras e Chapadinha.

Os principais agentes envolvidos na aquisição de terras voltadas para a produção da soja no Maranhão são os autores vindos da região sul do país, Gaspar (2010) os agricultores que se deslocaram de outras regiões do país e se fixaram ou vêm se estabelecendo em municípios da microrregião de Chapadinha, são identificados, localmente, como *gaúchos* e, também, se autodefinem acionando essa categoria.

Não se pode negar a importância da sojicultura na dinâmica da economia maranhense, porém as benesses deste empreendimento agroindustrial não alcançam as populações mais carentes, pois a agricultura mecanizada não gera quantidade significativa de empregos no Maranhão e o modelo agroexportador não contempla a necessidade da economia maranhense.

## **5. O avanço dos campos de soja e a produção sojícola região de Chapadinha**

A partir da década de 1980, instalaram-se em diversas localidades da chamada Microrregião de Chapadinha empresas nacionais voltadas ao cultivo de eucalipto com vistas à produção de celulose e à extração de madeira nativa para a produção de carvão vegetal. Essas atividades se inserem na chamada *área de influência* de grandes projetos do Programa Grande Carajás, apesar daquela região não fazer parte oficialmente deste programa (PAULA ANDRADE, 1995). A expansão da sojicultura, enquanto cultivo de larga escala no Maranhão, é um processo de período recente. Remonta a 1978 o primeiro indicador de produção de soja a constar nas estatísticas da Produção Agrícola Municipal do IBGE. Nesses anos foram produzidas 55 toneladas, para uma área colhida de 32 hectares (CARNEIRO, 2008, p. 80).

No caso da expansão da soja no Leste Maranhense o fator mais importante destacado pelo Presidente da APACEL foi à construção, pela CVRD, de uma estrutura para armazenamento e exportação de soja pelo porto de Itaqui<sup>10</sup>, uma vez que a região possui uma localização privilegiada, distando apenas 250 quilômetros do local de escoamento e contando com uma rodovia recentemente recuperada (BR-222) para o transporte da produção de grãos.

Na microrregião de Chapadinha, o plantio da soja tem início em meados de janeiro e, dependendo da cultivar, se ciclo longo ou curto, termina em meados de maio/junho (EMBRAPA, 2005). Segundo Presoti (2008) O plantio nesta época (janeiro) dá-se em função do regime pluviométrico da região. Faces as necessidades de água que a planta tem; dê forma, pela pluviosidade, não se utilizam sistemas de irrigação.

De acordo com Presoti, a microrregião de Chapadinha corresponde a 78% da produção no Leste Maranhense e, dentre os nove municípios que formam a microrregião, 4 municípios destacam-se, no tocante à produção de soja: Anapurus (4.379 ha); Brejo (7.920 ha); Buriti (7.383 ha) Mata Roma ( 2.670 ha). Tais municípios são responsáveis por 91% da área plantada na microrregião e correspondem a 74% de todo Leste Maranhense.

O chamado encarregado é compreendido como mão de obra qualificada, distinguindo-se de outros trabalhadores da região, caso do chamado *peão da diária*. Apesar desse último agente também ser reconhecido como *gaúcho* quando é apontado como migrante de outros estados, ele é geralmente um trabalhador selecionado nos municípios da região e destinado às tarefas braçais em uma *fazenda*, como a retirada de pedaços de troncos e raízes depois da derrubada da cobertura vegetal pelos tratores nos períodos de plantio. (GASPAR, 2010).

Esta situação de certa maneira vai acarretar na desarticulação da economia dos camponeses da região, pois em função do desmatamento das áreas de *chapada* para o plantio da soja nas proximidades dos povoados, provocará o impedimento da criação dos animais livremente nestes locais. Tendo em vista que a economia desses camponeses é fruto de uma articulação entre a atividade agrícola, o extrativismo e a pequena criação de animais. (ALMEIDA; BOTELHO, 2011, p. 10-11).

Vale destacar que as famílias camponesas enfrentam, ainda, problemas com relação ao uso de insumos agrícolas, caso dos pesticidas dispersados por aviões, ainda segundo os camponeses, o “veneno” causa a morte de plantas e animais domésticos (cachorros, galinhas,

porcos, dentre outros); trás, ainda, implicações para a vida das pessoas, doenças respiratórias e dermatologias<sup>2</sup>. Sobre esse assunto, Porto-Gonçalves (2004) salienta para o fato que a expansão exponencial do uso de adubos e fertilizantes, herbicidas, pesticidas, e fungicidas vem sendo há décadas objeto de intensas críticas de ambientalistas de órgãos ligadas à saúde e de sindicatos de trabalhadores, sobretudo rurais.

## 6. O território e apropriação dos recursos naturais

Em se tratando de território, Haesbaert (2004) concebe que são as formas de relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (LEFEBVRE, 1986).

As famílias desenvolvem atividades que estão fortemente acentuadas pela presença da produção agroextrativista e de uma agricultura camponesa instalada há séculos na região (ASSUNÇÃO, 1988; 2000). Essa agricultura familiar caracteriza-se pela combinação de atividades agrícolas, do extrativismo vegetal (babaçu, carnaúba, bacuri, pequi, etc.). O extrativismo do coco babaçu foi, durante várias décadas, uma das atividades mais importantes da economia regional. Os dados mais recentes referentes à produção extrativa regional mostram três produtos principais: a coleta da amêndoa do babaçu e extração de lenha, mais presentes na Microrregião de Chapadinha, e a extração da cera ou pó da carnaúba. (CARNEIRO, 2008).

---

<sup>2</sup> Trecho da entrevista concedida para Adielson Correia Botelho e Annagesse Feitosa em trabalho de campo realizado no município de Duque Bacelar, no âmbito da pesquisa “Campeinato e crise ecológica: impactos sociais para segmentos camponeses no Leste Maranhense”. Agosto de 2010.

Caracteriza pela apropriação e manejo de diferentes recursos naturais, sobretudo de dois distintos ambientes – as áreas chamadas regionalmente de *baixo* conforme, Paula Andrade (2008) as áreas de baixo são áreas apontadas como sendo bastante úmidas próximas a rios e riachos e aquelas de *chapadas*, classificadas por Paula Andrade como áreas constituídas de terrenos planos, com presença de árvores de porte baixo, esparsas e de uma espécie de capim denominado *agreste*. Estes terrenos são apropriados para a caça, coleta de fruto e plantas medicinais, assim como para a criação de animais. Nos trabalhos de campo, pudemos perceber a apropriação e o manejo desses dois tipos de ambiente, as famílias desenvolvem diferentes atividades econômicas importantes para a manutenção de seu grupo familiar, atividades como: a agricultura (mandioca, arroz, milho, melancia e etc.), voltada tanto para o consumo da sua família, como para a comercialização.

## 7. A economia camponesa regional de Chapadinha e a presença da soja

A economia camponesa baseada na produção de alimentos como arroz, feijão, milho e, sobretudo, a mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), conforme Carneiro (2008) merece destaque por sua importância em termos absolutos, pois se trata do produto agrícola mais colhido, assim como por sua importância para a estabilidade da economia camponesa regional. A mandioca é a matéria prima de produtos essenciais na cultura alimentar da região, caso da farinha de mandioca e da tiquira<sup>3</sup>.

Outro fator importante ao camponês<sup>4</sup>, de acordo com Botelho (2011) no que se refere ao extrativismo vegetal (cocos, madeiras, frutas, palha e outros recursos); a caça, a extração do mel, pequena criação de animais são que praticados, sobretudo, em áreas de *chapada*, mas algumas espécies também são encontradas nos chamados *baixos* como o babaçu (*Attalea speciosa*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*). Dentre as principais espécies de frutos destacam-se como alimentícias:

---

<sup>3</sup> A tiquira é muito apreciada por suas diversas propriedades sensoriais, além do sabor único, a bebida chama atenção por sua cor azulada – obtida originalmente a partir da folha da tangerina - que lhe confere um agradável efeito visual.

<sup>4</sup> Camponês é aquele que tem acesso a uma parcela da terra para produzir e cuja produção se faz fundamentalmente a partir da força de trabalho familiar e, sendo familiar, a unidade camponesa é uma unidade de produção e consumo. Wolf (1976).

para consumo das famílias – pequi (*Caryocar brasiliense*), juçara (*Euterpe oleracea*) e buriti (*Mauritia flexuosa*); para consumo interno e comercialização – o bacuri (*Platonia Insignis*). De acordo com as famílias, o principal problema hoje enfrentado está, sobretudo, ligado à devastação das áreas de *chapada*, local onde criavam os animais extensivamente, da coleta de frutos comestíveis e/ou comercializáveis, em especial, o bacuri.

Do mesmo modo, se extraem da *chapada* remédios, isto é, plantas medicinais como: amora (*Rubus urticifolius Poir*), ameixa (*Prunus domestica*), aroeira (Schinus terebinthifolius Raddi), hortelã (*Mentha spicata*), o angico (*Anadenanthera falcata*), mangaba brava (*Capparis speciosa Griseb*), açoita cavalo (*Luehea divaricata*) e a janaguba (*Himatanthus drasticus*), que tem importante e tem valor comercial. Esse conhecimento é classificado por Porto-Gonçalves (2006) como conhecimento patrimonial, coletivo e comunitário característicos das tradições camponesas, indígenas, afros descendentes e outras originárias de matrizes de racionalidade distintas racionalidades, diferente do conhecimento produzido em laboratórios de grandes empresas em associação mais estreita com o Estado, a propriedade intelectual individual (patentes) atomístico-individualista ocidental.

A mecanização da agricultura em larga escala, somado ao fortalecimento das agroindústrias, são distintos da agricultura familiar praticada secularmente por camponeses de acordo com Porto-Gonçalves, devidos:

A separação entre agricultura, pecuária e extrativismo é, histórica e ecologicamente, um passo decidido na quebra de um elo fundamental da cadeia trófica à qual a espécie humana está condicionada, na medida em separa a vida vegetal (agricultura, coleta de frutos e de ervas) da vida animal (pecuária, caça e pesca). [...] O alimento é, rigorosamente, a energia que move todo ser vivo, inclusive a espécie humana. (PORTO-GONÇALVES. p. 214).

Os plantios homogêneos ficam próximos aos locais de moradias e áreas agricultáveis dos povoados, conforme apontamento de (GASPAR, 2010, p. 66-67, grifo do autor) os chamados campos de soja está:

Distribuídos pelos caminhos de circulação dos agricultores entre um povoado e outro ou destes com as sedes dos municípios. Assim, os campos de plantio estão dispostos geograficamente ao redor dos povoados. As famílias locais percebem essa disposição utilizando expressões como *viver circulado* [pelos campos de soja], *estar em círculo*, *habitar no círculo*, opondo essa forma de apropriação das *chapadas* ao regime agrícola de uso comum que predominava entre elas, historicamente, na região.

Ressalte-se que a presença de grandes empreendimentos agroindustriais pode causar implicações à reprodução camponesa em seu lugar de tradição. Na medida em que as plantações de eucalipto avançam, as áreas em que as famílias camponesas utilizam para sua reprodução diminuem. Nesse sentido, concordamos com Kautsky (1968) quando o autor retrata o desaparecimento do campesinato em virtude do desenvolvimento contraditório do modo capitalista de produção. Para Porto-Gonçalves (2006), o advento de uma agricultura monocultura, voltada exclusivamente para o mercado, tem sido responsável pela dissociação entre agricultura, pecuária e extrativismo (caça, coleta e pesca) cuja consorciação, até muito recentemente, estava amplamente disseminada pelo mundo.

### **Considerações finais**

O resultado que pode ser observado acerca da implantação e expansão desses agentes empreendedores do agronegócio diz respeito à dispersão e a perda do lugar de tradição dos grupos sociais que habitam secularmente a região e junto com estes, um complexo sistema de conhecimentos e culturas baseados nas diversas formas de manejo e apropriação do território, além da desarticulação de sua economia, gerando o agravamento da concentração fundiária por parte desses novos agentes.

O desmatamento das áreas de chapadas que anteriormente eram usufruídas em comum pelos camponeses da região e que nunca havia se tornado passível de apropriação privada. Com a chegada da sojicultura irá repercutir negativamente na economia desses grupos que habitam há longas datas a região, tendo em vista que afetará de forma significativa na atividade agrícola.

Esta situação de certa maneira vai acarretar na desarticulação da economia dos camponeses da região, pois em função do desmatamento das áreas de *chapada* para o plantio de eucalipto nas proximidades dos povoados, provocará o impedimento da criação dos animais livremente nestes locais. Tendo em vista que a economia desses camponeses é fruto de uma articulação entre agricultura, o extrativismo e a pequena pecuária.

Em linhas gerais, a realização desta pesquisa, financiada pela FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão) e à FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que contribuíram com a bolsa de estudos de Iniciação Científica (PIBIC) e da bolsa de mestrado, para que pudéssemos melhor compreender as implicações da implantação e a expansão da sojicultura no Leste Maranhense, possibilitando a apresentação dos resultados obtidos por intermédio deste artigo.

## Referências

ALMEIDA, Juscinaldo Góes; BOTELHO, Adielson Correia. **Campesinato versus agronegócio: a expansão da sojicultura e suas implicações para a economia camponesa no Leste Maranhense.** Anais do XI Encontro Humanístico, EDUFMA, 2011.

ARRAIS NETO, C. de A; SANTOS, F. B. **a evolução da sojicultura no maranhão e seu caráter exportador.** Anais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC, Manaus, 2009.

ASSUNÇÃO, Mathias R. **A guerra dos bem-te-vis: a Balaiada na memória oral.** São Luis: SIOGE, 1988.

BOTELHO, Adielson Correia et all. **Agronegócio da silvicultura: análise dos impactos socioambientais no leste maranhense.** Anais do SINGA 2011. Ed. Açaí. Belém, 2011.

BRUM, A. **Economia da soja: história e futuro. Uma visão desde o Rio Grande do Sul.** www.agromil.com.br, 2005.

CARNEIRO, M. S (org.). **A agricultura familiar da soja na região Sul e o monocultivo no Maranhão: duas faces do cultivo da soja no Brasil.**- Rio de Janeiro: FASE, 2008.

GASPAR, Rafael Bezerra. **O eldorado dos gaúchos: deslocamento de agricultores do Sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense**. 2010. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. 2010.

Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (GEPLAN). **Atlas do Maranhão**. São Luís: UEMA/ GEPLAN, 2002. 44p.

HESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IMESC. **Anuário Estatístico do Maranhão** / Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. V. 1 (1968) - .São Luís, 2010.

MESQUITA, H. A. **Onde estão às flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do cerrado brasileiro? o agro/hidronegócio comeu!**. Revista Terra Livre. São Paulo: Ano 25, v. 2, nº 33, 2009,17-30 p.

MIRANDA, Manoel Albino de et al.. Soja. In: FAHL et al. (Ed) **Instruções agrícolas para as principais culturas econômicas**. Campinas: Instituto Agronômico, (Boletim, 200). 1998.

LEFEBVRE, H. **La Production de l’Espace**. Paris: Anthropos, 1986.

PAULA ANDRADE, Maristela de. **A produção de carvão vegetal e o plantio de eucalipto no Leste Maranhense**. In: **Carajás: desenvolvimento ou destruição?** Relatórios de pesquisa. São Luís: CPT, 1995, p. 15 – 65.

\_\_\_\_\_. **Mudas de eucalipto no cemitério dos anjinhos: conflitos entre posseiros e empresas do Grupo Industrial João Santos no Leste Maranhense**. In: **Carajás: desenvolvimento ou destruição?** Relatórios de pesquisa. São Luís: CPT, 1995, p. 81 – 106.

\_\_\_\_\_. **Os gaúchos descobrem o Brasil: projetos agropecuários contra a agricultura camponesa**. São Luís: EDUFMA, 2008.

PRESOTI, A. E. P. **Avaliação de impactos ambientais da sojicultura em um ecossistema aquático da microrregião de Chapadinha, MA**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós Graduação em Sustentabilidade em Ecossistema, 2008.

PINHEIRO, K. S.F. et al., **Caracterização espaço-temporal da precipitação efetiva e do índice de aridez da bacia hidrográfica do Riacho Boa Hora, Urbano Santos-MA**. Anais do XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Goiânia, Brasil, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais**.

In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inês Medeiros (org.). O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004, p.27- 64.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: USP, 2006.

SCHLESINGER, Sergio. **O biodiesel da soja: queimando óleo e florestas, chamuscando gente.** Impactos Cumulativos e Tendências Territoriais da Expansão das Monoculturas para a Produção de Bioenergia. Agronegócio + agro energia. FBOMS, 2006.

THORNTHWAITE, C. W. **An approach toward a rational classification of climate.** Geogr. Rev., v. 38, p. 55-94, 1948.

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1976.

#### **Outras referências**

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Disponível em: <<http://www.embrapa.br/>>. Acesso em várias datas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em várias datas.